

A MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL (ou Preservação do Conforto do Primeiro Mundo)*

*Maria Elena Knüppeln de Almeida***

O livro de François Chesnais, **La Mondialisation du Capital**, editado em Paris (Syros), em 1994, é, sem dúvida, um dos mais elucidativos, honestos, sérios e completos conjuntos de esclarecimentos da situação configurada na sociedade mundial dos nossos dias...

Utilizando um esquema metodológico que prima pela logicidade e de onde transcende o desejo de que, seguindo, a cada passo, sua abordagem, o leitor possa compreender não só os acontecimentos registrados, mas os fatos que os antecederam e as prováveis situações a que eles conduzirão, Chesnais consegue, em 12 capítulos e 286 páginas, fazer um legado à humanidade do que lhe foi dado compreender.

Informa diferentes enfoques de autores, não menos ilustres do que ele próprio, com rara honestidade e, nem sempre concordando com eles, apresenta suas justificativas para ocasionais discordâncias ou seus argumentos para reforçar pontos de vista com os quais concorda, enriquecendo todos os temas com as suas explicações.

Seguindo uma forma de abordagem de cuidadosa precisão, desenvolve o conteúdo portador de esclarecimentos para tantos quantos admitem ser co-partícipes, com diferentes graus de responsabilidade, dos acontecimentos contemporâneos.

* Resenha da obra de François Chesnais (1994). **La mondialisation du capital**. Paris: Syros.

** Economista, Técnica da FEE.

De tal forma o tema é abordado, que a leitura se torna a um tempo suave e emocionante...

O choque inicial para o leitor capacitado a fazer uma autocrítica de sua ingenuidade ocorre quando Chesnais chama atenção para os conteúdos ideológicos embutidos na nomenclatura em uso... Assim, é possível nos apercebermos do teor maquiavélico entranhado no vocábulo "globalização".

Podemos, com suas explicações, perceber que a palavra globalização tende a "(...) apresentar o mundo como nascendo assim **sem fronteiras**, e as grandes empresas como sendo destituídas de nacionalidade (...)", mas tudo isso é colocado de forma descompromissada e superficialmente, para que, tarde demais, possamos concluir o quanto fomos induzidos a absorver certos conceitos e quão pequena é a participação do nosso raciocínio na aceitação deles... Já o termo "mundialização", segundo ensina-nos Chesnais, permite introduzir com um tipo de força diferente a idéia de que, se a economia se mundializou, então as instituições mundiais, capazes de dominar o movimento, devem ser construídas o mais rapidamente... Ora, isso, essas forças, que regem atualmente os negócios do Mundo, não o querem a nenhum preço...

Definidas as questões relativas à nomenclatura, Chesnais conduz-nos a rememorar acontecimentos de décadas passadas, mais especificamente fins dos anos 60 e início dos 70, quando predominava o que ele designa "internacionalização multidoméstica". O período é caracterizado por um regime internacional relativamente estável, onde os sustentáculos são o sistema de paridades fixas entre as moedas e o modelo "fordiano" de produção e consumo de massa, que era bastante difundido e aceito. Os investimentos diretos externos, comportadamente, submetiam-se às políticas macroeconômicas dos países por eles escolhidos para frutificar e fortalecer a acumulação do capital, permanecendo como quadro essencial a economia do Estado-nação.

Durante essa fase, as relações políticas entre as classes sociais e o grau de soberania efetivo possuído pelos governos asseguravam o respeito das empresas multinacionais às convenções estabelecidas e às relações que correspondem aos acordos salariais fordistas...

Quanto ao grau de soberania dos Estados à época citada, cremos que nós, latino-americanos, que acompanhamos o desenrolar de movimentos extremistas, para os quais o auxílio transfronteiriço foi inegável, não o podemos

aceitar sem ressalvas... Talvez fosse mais adequado falar em relativa soberania das "elites" que se consideravam representantes do Estado-nação...

Também é interessante lembrarmos que, no período cronológico ao qual nos referimos, todos acreditávamos, talvez até mesmo muitos primeiro-mundistas, na necessidade de uma efetiva ajuda, a fim de que o Terceiro Mundo evoluísse mais rapidamente para se aproximar dos padrões de consumo e produção vigentes entre os "desenvolvidos". Relacionado, ou não, com as mudanças que se delinearam logo a seguir, na ocasião foi divulgado um "alerta" do Clube de Roma, sobre os limites dos recursos naturais não renováveis e a necessidade do controle do seu uso e exploração...

Chesnais, citando R. Boyer (1986), assinala os anos de 1978-79 como aqueles em que as transformações adquirem contornos mais nítidos, entretanto é muito provável que, pelo menos de uma forma instintiva, a guinada tenha começado a se processar logo após a divulgação das limitações dos recursos naturais... Os acontecimentos posteriores vêm, sem dúvida, trazer à luz as estratégias que ficaram em estado de maturação por alguns anos...

"A situação se cristaliza entre 1978 e 1979, no momento do segundo choque do petróleo, quando a combinação de vários fatores vem deslocar os elementos constitutivos da regulação 'fordista'. Há uma rigidez crescente das estruturas industriais oligopolísticas no plano nacional; crise de todas as determinações das relações salariais fordistas; crise fiscal do Estado e inconformidade com a extensão atingida pelas despesas públicas; e deterioração das relações constitutivas da estabilidade do regime institucional.

Os argumentos apresentados por C. A. Michalet (1985), continua Chesnais, para sustentar a idéia de que a crise mundial seria qualquer coisa maior e diferente da adição das crises nacionais tiveram, à época, pouco eco junto aos regulacionistas. Ainda hoje, não são todos que reconhecem fundamentos na hipótese de que a raiz da crise do sistema de regulação deverá ser pesquisada de modo dirigido à deslocação das formas institucionais da economia do Estado-nação face à mundialização do capital.

A superioridade da taxa de crescimento dos investimentos diretos externos em relação aos investimentos domésticos, manifestada logo após a recessão de 1974-75, deveria ter merecido uma certa atenção. Concomitantemente com tal registro, somavam-se acontecimentos como: grandes firmas procurando saída para a queda da rentabilidade do capital; saturação da demanda de bens

de consumo duráveis; e contestação trabalhista no deslocamento acelerado de suas operações, que deveriam ter servido como um alerta adicional.

"Somente depois de forjada, com o mercado de eurodólares, uma liberdade de ação quase total com relação ao enquadramento do crédito pelos Bancos Centrais, é que o sistema bancário internacional pôde induzir os países em desenvolvimento a contratarem, a partir de 1975, uma enorme dívida privada com eles (...)." O endividamento agravou, de modo qualitativo, a capacidade desses países para contrariar os fatores tendentes a impor-lhes condições no seio do sistema internacional de trocas.

"A crise do modelo desenvolvimentista" caracteriza-se pela destruição de formas institucionais essenciais, cujo desaparecimento tende, cada vez mais, à internacionalização do capital:

- o modo de produção dominante demonstra, a todo momento, a sua incapacidade de gerar trabalho assalariado como forma predominante de inserção social e acesso à renda;
- o sistema, pela primeira vez em toda a sua história, confia a sorte da moeda e das finanças completamente aos mercados, em condições e com conseqüências ilimitadas;
- os governos e as elites que governam os principais países capitalistas avançados deixaram o capital dinheiro tornar-se hoje uma força, praticamente incontrolável, que se direciona para o crescimento a nível mundial com toda a impunidade. Enfim, os Estados viram sua capacidade de intervenção reduzida, pela crise fiscal, a quase nada e os fundamentos de suas instituições minados a tal ponto que se tornaram incapazes de impor qualquer coisa ao capital privado.

Essa situação está indissoluvelmente ligada à mundialização do capital e compreende os efeitos do que ocorre à tecnologia e ao emprego. O efeito das mudanças tecnológicas recentes, em termos de destruição de postos de trabalho, é muito superior à criação e não pode ser dissociado da mobilidade de ação, quase total, que o capital encontrou graças à liberalização das trocas e à liberdade de estabelecer e transferir lucros.

Precedentemente, o combate ao desemprego podia utilizar medidas de proteção aduaneira e comportar medidas legislativas cujo efeito era de caráter constrangedor para as empresas, já que sua mobilidade internacional estava limitada. Hoje, ao contrário, a mobilidade do capital permite às empresas constrangerem os países a alinharem suas legislações do trabalho e de proteção social a condições que lhes sejam favoráveis.

A liberdade de movimento e a igualdade de tratamento reconhecida ao investimento direto externo, fato que no Brasil foi recentemente sacramentado pelo Congresso Nacional, deram às grandes firmas a possibilidade de ganharem parcelas do mercado mundial, sob a base da aquisição e fusão transfronteiras, sem a necessidade de fazerem novos investimentos criadores de emprego. Além disso, podem ainda assegurar economias de escala e de peso pelo viés da integração seletiva de locais de produção e de relações ordenadas situadas em vários países. As pequenas empresas que oferecem produtos diferenciados, mas que são incapazes de defendê-los num cenário de mercado mundializado, sofrem de uma grande vulnerabilidade...

Todas as implicações e conseqüências da "mundialização do capital" foram excepcionalmente ilustradas em um diagrama de blocos que se encontra no livro de Chesnais — **Os Encadeamentos Cumulativos "Viciosos" da Mundialização** (Gráfico 16) — e que procuraremos reproduzir nesta resenha. A ilustração auxiliará muito na compreensão da amplitude do problema... Há, entretanto, outros elementos que, embora mais subjetivos, poderão auxiliar na compreensão do papel atribuído a nós, terceiro-mundistas, nesse cenário...

A idéia prevalente, durante muitos decênios, de que o modelo de desenvolvimento ocidental era generalizável e, em conseqüência, o nível de bem-estar vigente nos países ricos poderia ser "um dia atingido" pelos pobres mortais do Terceiro Mundo já não existe nem mesmo como idéia..., conta-nos Chesnais. "Hoje, o desenvolvimento compreendido como uma extensão e um 'transplante' do modelo de desenvolvimento fordista e de seus prolongamentos não representa mais uma perspectiva oferecida ao conjunto dos continentes e países do Mundo." De um lado, ele não é mais desejável por aqueles que eram antes os agentes externos. A tríade União Européia, EUA e Japão passou a se interessar somente por relações seletivas, que não dizem respeito a não ser a um número limitado de países do Terceiro Mundo (fontes de matérias-primas ainda não substituídas, subcontratação de mão-de-obra com baixíssima remuneração ou mercado potencial interno enorme). De outro lado, os hábitos de consumo dos países avançados, se estendidos para o Terceiro Mundo, provocariam, num prazo curtíssimo, um colapso ambiental e o esgotamento dos recursos não renováveis...

Possivelmente, nós sempre tivéssemos idéia de nossa exclusão de tais benesses. A própria lembrança do "alerta" do Clube de Roma, tanto tempo depois, parece atestar esse desagradável conhecimento... Todavia saber que tal exclusão foi tão tranqüilamente decidida pelos "senhores do Mundo" tem

uma conotação bem diversa, e cremos que deveria, pelo menos, servir-nos como desafio, mesmo que um tanto quanto "quixotesco".

Retomando ao que nos informa Chesnais, podemos saber que o descarte do nosso acesso à melhoria de vida é uma das razões para a parada dos investimentos externos destinados a numerosos países e de o tema da "gerência da pobreza" ter progressivamente assumido relevância nos relatórios do Banco Mundial, enquanto aqueles relacionados ao desenvolvimento terem sido esquecidos... A tendência que parece predominar é a de um sistema que tende a se desdobrar sobre si mesmo, que se instala no "dualismo" e onde os **dirigentes**, seguidos de uma parcela "significativa" da população, empreendem a construção de muralhas para conter os "bárbaros" nos seus limites e cercam seus *ghettos* de arame farpado...

Nesse quadro dantesco de insensibilidade, divisionismo e segregação, qual a saída? Naturalmente não poderá ser a aceitação pura e simples do papel que nos foi "atribuído". Felizmente, temos ao nosso lado outros inconformados, entre os quais o próprio Chesnais..., mas sem dúvida a volta só poderá ser dada por nós mesmos. Aliás, um dos trabalhos em busca de alternativas para a situação, considerado pelo autor como o mais sério (e isso parece querer dizer não utópico), é o do Grupo de Lisboa, intitulado **Limites à Concorrência**. O cenário mais realístico produzido por esse grupo é nomeado, pelos integrantes do próprio grupo, "cada um por si"..., o que parece nos dizer tudo!

Estamos atrasados para a tarefa hercúlea que nos espera... Ler com muita atenção **A Mundialização do Capital** parece ser uma forma sensata de começar...

